O ESTUDO DO ESPAÇO COMO DETERMINANTE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO: UMA LEITURA SOBRE O FEMININO E AS FAVELAS POR CONCEIÇÃO EVARISTO

Cristina Aparecida Sancho (UFJF)[1]

Resumo: O presente artigo pretende abordar questões associadas ao espaço destinado aos negros, pobres e mulheres do Brasil. No prefácio do livro, Becos da Memória de Conceição Evaristo, escrito por Maria Nazareth Soares Fonseca[2], encontramos trechos que marcam o enfoque de nossa pesquisa. Nos ateremos nesse trabalho a duas obras de Evaristo, *Becos da Memória* e o conto: *Os amores de Kimbá* do livro Olhos D'água. Mediante essas obras analisaremos os espaços ocupados pelos negros nas narrativas já mencionadas e destacaremos as estratégias utilizadas pela autora para retratar a realidade desse povo.
Palavras-chave: Espaço, mulher negra, pobres, periferia, exclusão.

Introdução

O presente artigo está fundamentado no estudo do espaço como determinante das relações de gênero. Iremos refletir a partir das obras de Conceição Evaristo, *Becos da Memória* (2006) e do conto: *Os amores de Kimbá* no livro Olhos D'água (2015) como que a autora utiliza a identidade racial como marcador de posições no espaço social.

No romance, *Becos da Memória*, Conceição Evaristo trabalha com um ambiente distinto daquele que temos na atualidade. A favela apresentada na narrativa não existe mais; as memórias traduzidas pela voz da narradora, Maria-Nova, diferem-se completamente das reminiscências trazidas pelas favelas contemporâneas; os espaços de hoje geram memórias que não se assemelham as geradas pela obra. Já no conto, *Os amores de Kimbá*, temos como espaços a favela onde vive o personagem e a casa de seus amigos no centro. Há uma constante de idas e vindas a esses espaços e no conto esse trânsito é marcado pelo termo, descer: descer os degraus da escadaria da ladeira, descer o morro... Além do espaço físico, *Becos da Memória*, traz de forma importante a figura

[1]Graduada em Letras (CES/JF- 2008). Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana: Educação para as relações étnico-raciais (NEAB/UFJF- 2011). Especialista em Gestão de Políticas Públicas com Foco na Temática do Gênero e Raça (UFV- 2015). Mestranda em Estudos Literários (UFJF- 2018). Contato: chricasancho.cs@gmail.com.

[2]FONSECA, Maria Nazareth Soares. Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais e professora Adjunta III da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, responsável pela área das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Programa de Pós-graduação em Letras.

da mulher. É perceptível o espaço que Conceição Evaristo confere à narradora. Maria-Nova é o eu enunciador e por isso traz para a narrativa a história de um grupo que foi silenciado por causa dos limites impostos pela escravidão; pessoas vítimas das desigualdades socioeconômicas e as quais foram conferidos na sociedade os piores espaços físicos e culturais existentes; nesse sentido a autora propicia um lugar privilegiado para essa figura feminina que compõe o seu romance. Destacaremos nas duas obras questões concernentes ao espaço individual e coletivo, já que nas narrativas essas características possuem uma abordagem distinta. Por meio de uma análise entre as obras já citadas, a escrita de Conceição Evaristo e as questões histórico-culturais de nosso país, esperamos compreender como que a autora traduz nas narrativas esses espaços e consequentemente como ela trabalha as questões do individual, do coletivo e da identidade nas favelas.

Desenvolvimento

O foco desse artigo será a literatura afro-brasileira a partir da ótica de Conceição Evaristo nas obras: *Becos da Memória* (2006) e do conto, *Os amores de Kimbá* (2015) do livro Olhos D'água. Analisaremos nessas obras os espaços ocupados pelo povo negro e a forma como a autora retrata o cotidiano desse povo. As memórias da personagem Maria-Nova, em Becos da Memória, e a vida de Kimbá no conto serão fundamentais para articularmos o tema proposto aos conflitos vivenciados pelos personagens no decorrer das narrativas.

Tanto o espaço individual quanto o coletivo foram estabelecidos pelo sistema escravocrata. Boaventura de Sousa Santos (2007) em seu ensaio: *Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes*, demonstra esse paradigma

> O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo "deste lado da linha" e o universo "do outro lado da linha". A divisão é tal que "o outro lado da linha" desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque

> permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro. (SANTOS, 2007, p.3-4).

Boaventura apresenta o pensamento abissal como uma característica que marca as sociedades de forma dicotômica, segundo ele o mundo é divido em duas partes e essas não se encontram, ou seja, não há co-presença entre os dois lados da linha. Trazendo esse pressuposto para os textos de Evaristo, encontraremos um pensamento abissal entre o centro e a periferia, o rico e o pobre, o branco e o negro...

Sabemos que com o fim da escravidão, os negros não receberam reais condições de trabalho, saúde, moradia, alimentação e outras, dessa forma a marginalização se manteve e se perpetuou, construindo no imaginário social a imagem que Boaventura defende: De um mundo humano, o lado de cá e um mundo desumano, o lado de lá. Diante desse ponto de vista, a escrita de Conceição Evaristo surge como um elemento novo, pois a autora confere visibilidade àqueles que estão do lado de lá, a partir da recriação de sua identidade. No decorrer das obras, os personagens contam suas histórias e os mesmos sofrem um processo intenso de modificação.

No livro *Becos da Memória* a excessiva mudança de lugar é um aspecto marcante na narrativa; os personagens negros estão sempre se movendo. Isso demonstra que o negro não tem um lugar para chamar de seu. Essa visão é reiterada no conto, *Os amores de Kimbá*, pois o personagem principal, de mesmo nome, transita entre a sua casa na favela e a casa de seus amigos na cidade e, no entanto, não se sente pertencente a nenhum dos dois lugares de forma efetiva.

Temos, ainda, em *Becos da Memória*, o destaque à figura feminina. Conceição Evaristo (2006) constrói uma voz para o romance que, de certa forma, rompe com a história da inferioridade feminina diante dos homens, pois em grande parte do percurso histórico as mulheres foram silenciadas e tiveram que lutar para ter seu espaço reconhecido. Quando essa mulher também é negra a inferiorização ganha um caráter duplo, pois agora ela reúne dois traços de exclusão: o gênero e a raça. Sobre isso salienta a intelectual negra, Lélia Gonzalez (1982): “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão” (GONZALES, 1982, p.97). Lélia Gonzalez confirma a multiplicidade de estereótipos que circundam a mulher; quando a

autora diz tripla discriminação ela destaca a questão social que somada ao gênero e à raça formam um nível de opressão indescritível.

Pensando nessas questões, podemos dizer que a própria Conceição Evaristo se vale da voz narrativa para se colocar no texto. Como Evaristo é mulher, negra e vinda da favela ela e Maria-Nova, a narradora do romance, possuem aspectos muito próximos e nesse sentido, podemos compreender o porquê de sua escrita ser um veículo para promoção social feminina em detrimento de uma marginalização a qual os negros estão fadados. O empoderamento conferido a Maria-Nova surge porque no enredo ela é uma garota que lê, que pergunta, que pensa e por isso se distingue do restante dos personagens.

> Maria-Nova apertou os livros e os cadernos contra o peito, ali estava a sua salvação. Ela gostava de aprender [...] tinha uma vantagem sobre os colegas: lia muito. Lia e comparava as coisas. Comparava tudo e sempre chegava a algum ponto. (EVARISTO, 2006, p. 102-103).

Como disse Michael Pollack[3] (1989): "Os espaços sociais aos quais pertenciam aqueles enunciadores, ler e escrever era um privilégio de poucos". Ou seja, os personagens eram pessoas silenciadas, pois mesmo pertencendo às cidades, ocupavam os espaços periféricos. Esses lugares invisíveis aos olhos dos grandes centros ganham visibilidade diante da escrita de Evaristo, onde o oprimido emerge dos becos para compor a sua e outras histórias.

> As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr-do-sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom de avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros [...] Maria-Nova crescia. Olhava o pôr-do-sol. Maria-Nova lia. (EVARISTO, 2006, p. 34-35).

Percebemos que Conceição Evaristo se faz sujeito participante da narrativa, através de Maria-Nova. Assim, a autora narra as histórias dos espaços aviltados, a fim de lutar contra a miséria e as demais mazelas daquele lugar. A favela de Becos da Memória é um projeto urbano falido, pois não atende as necessidades básicas de seus moradores.

[3] POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15.

> A vivência da penúria afina alguns instrumentos narrativos para expor as vidas subterrâneas, minadas pela carência intensa de melhores condições de vida [...] um aglomerado de barracos cambiantes e doces figuras tenebrosas. (EVARISTO, 2006, p.12-13).

É mediante o olhar dessa garota que o leitor conhece os becos e passeia por eles. Lugar esse ainda livre da violência do tráfico, contudo preenchido pelas mais diversas formas de miséria; aquela que atinge o corpo e a alma de seus personagens. No conto: *Os amores de Kimbá*, o espaço apresentado não difere em demasia do anterior retratado. Através da voz de um narrador somos inseridos na realidade daquela favela; um lugar onde a chuva não era bem-vinda, por causa dos transtornos que a mesma ocasionava

> ... Chuva na favela era um inferno. O barro e a bosta se confundiam. Os becos que circundavam os barracos se tornavam escorregadios. As crianças e os cachorros se comprimiam dentro de casa... (EVARISTO, 2015, p. 87).

Percebe-se nesse trecho, um espaço insalubre, no qual pessoas, animais e excrementos dividiam o mesmo ambiente. Dentro da casa de Kimbá, essa falta de divisão de ambientes se repete, configurando assim um espaço onde não havia lugar para a individualidade.

> As duas irmãs de Kimbá, que igualmente ali dormiam, semidespertadas pelo acordar do rapaz, disputaram mais uma vez o único travesseiro, em que juntas aninhavam a cabeça [...] Kimbá olhou comovido para o irmão mais velho que dormia ali no mesmo quarto com ele. (EVARISTO, 2015, p. 88).

No conto, o personagem principal sonha em ter uma identidade, em ser alguém reconhecido naquele meio onde todos são iguais. Kimbá aparece, inicialmente, como uma representação do coletivo, seu nome de batismo lhe conferia um espaço comum; ele era o Zezinho como vários que ali existiam; entretanto, Zezinho assume sua identidade individual quando adota o apelido, Kimbá, dado pelo amigo da cidade. Mas essa identidade o afasta de seu lugar de origem.

> As mães passavam o dia inteiro gritando para que os Zezinhos se sossegassem. Antes, ele fora também Zezinho. Kimbá foi o apelido que um amigo rico, viajado por outras terras, lhe dera [...] Zezinho gostou mais do apelido do que do próprio nome. Sentiu-se mais em casa com a nova nomeação. (EVARISTO, 2015, p. 88-89).

O trecho acima, indica o primeiro espaço que o personagem tem para chamar de seu; a sua identidade. Porém, uma problemática se estabelece, a identidade foi atribuída por um alguém de fora, por um alguém que está do lado de cá da linha, como disse Boaventura de Sousa Santos.

Para que Kimbá exista, Zezinho precisaria desaparecer; não sendo possível coexistirem as duas identidades. "Ele detestava também ter de ser dois, três, vários talvez. Dava trabalho mudar o rosto, o corpo, mudar até o gosto. Seria tão bom se ele pudesse ser só ele. Mas o que era ser ele? Era ser o Zezinho? Era ser o Kimbá?" (EVARISTO, 2015, p.89). O personagem era insatisfeito com o espaço em que vivia, pois: "Detestava a pobreza, a falta de conforto, a fossa exalando o cheiro de merda. Detestava o rosto lavado lá fora no tanque, o café no copo vazio que antes fora de geleia de mocotó, o pão comprado ali mesmo na tendinha". (EVARISTO, 2015, p.89) desce "um por um os degraus da escadaria da ladeira... Tinha conseguido sair do barraco. Deixar tudo pra trás". (EVARISTO, 2015, p.88).

O seu novo nome, que lhe confere um novo espaço, traz também um rompimento com o seu lugar de origem. Kimbá transitava entre os lados abissais da sociedade: o centro e a periferia, mas não pertencia a nenhum deles. No conto, todas as vezes que o personagem saía da favela em direção a cidade, aparece o termo descer e quando ele está na casa de sua família, há sempre um incômodo, demarcado no texto pelos olhares das irmãs, pela voz da mãe, pelas rezas da avó, elementos esses que provocavam no personagem um desejo de mudar, de pertencer a outro espaço. "Descia o morro e ia encontrar os amigos. Ele não gostava de seus colegas vizinhos, gostava da turma lá de baixo [...] Frequentava a casa de alguns sonhando com o dia em que teria tudo como eles". (EVARISTO, 2015, p.89).

Essa postura do personagem Kimbá se assemelha à noção Derridiana de différence, pois segundo essa teoria esse desconforto sentido pelo personagem não era fruto de um processo binário, de exclusão, mas sim fruto do seu movimento, *Places de Passagem* e por significados posicionais e relacionais, ou seja, é possível pensar nas questões identitárias de Kimbá mediante suas relações e não só por questões ligadas à raça e ao social.

Em *Becos da Memória* as questões sobre o individual e o coletivo também aparecem, porém são apresentadas de forma distinta. No início do romance é o caráter

individual que aparece primeiro, visto que a autora apresenta a vida de cada um dos personagens e suas particularidades, porém no decorrer da trama percebemos que essas individualidades se entrelaçam e, assim, o caráter coletivo da história dos negros, surge como elemento principal. Pois, o foco do enredo, é a apresentação da história dos moradores da favela e não a de um personagem específico, como acontece no conto. Entendemos essa postura da autora como uma forma de questionar a literatura eurocêntrica e seus padrões que tendem a apagar e a silenciar o negro em seu discurso.

Outro ponto de discussão no romance são as políticas de desfavelamento. Essas, pouco a pouco, vão expulsando os moradores para longe e propiciando uma vida mais difícil para essas pessoas. Segundo a narrativa, ao redor dos barracos ou barracões, plantavam-se mandioca, milho e verduras, porém os buracos abertos pelos tratores impediam que os moradores tivessem o mínimo de dignidade. Antes dos tratores, essas plantações era um espaço que oferecia alimento, arrefecendo a fome; agora, porém, o buracão surge como uma alegoria. É uma grande boca, insaciável que devora tudo, inclusive os moradores.

> No meio da área onde estava situada a favela, havia um buraco imenso que crescia sempre e sempre na época de chuvas com os constantes desbarrancamentos. O local era conhecido por Buracão. O Buracão era grande, maior que o mundo talvez. Ali caíam bêbados, crianças distraídas... (EVARISTO, 2006, p.119).

Frantz Fanon (2005) em seu livro, *Os condenados da Terra*, mostra uma situação bastante similar a essa da desfavelação, ele chama de descolonização. Fanon mostra a violência a que os colonos foram submetidos para que pudessem ser livres.

> A descolonização é o encontro de duas forças congenitalmente antagonistas [...] o primeiro confronto dessas forças se desenrolou sob o signo da violência, e sua coabitação – mais precisamente a exploração do colonizado pelo colono – prosseguiu graças às baionetas e aos canhões. (FANON, 2005, p.52).

Nesse trecho fica claro a similitude entre os tratores e as baionetas e os canhões; instrumentos usados para torturar os moradores da favela e os colonizados, respectivamente. Esse é o aspecto de violência que Fanon apresenta. Os moradores da

favela estão fadados a morrer, assim como os colonizados. Conceição Evaristo associa essa situação à ação dos moradores da favela a fim de se livrarem do desfavelamento:

> Foi Negro Alírio que juntou o pessoal da favela e com eles foi até a Firma Construtora exigir a retirada dos tratores [...] umas duas semanas depois que a comitiva esteve na Firma Construtora exigindo a retirada dos tratores parados, novos tratores chegaram. Chegaram bravios, recomeçando o trabalho. Só se ouvia o barulho e sentia poeira. O desfavelamento recomeçava [...] deveriam desocupar o beco. (EVARISTO, 2006, p.77).

A partir desse olhar, temos um aumento no problema espacial. O lugar que antes já era desfavorável tende a desaparecer. Os caminhões que chegavam de manhã e ficavam até tarde da noite, serviam como instrumento para o *desfavelamento*. Eles deslocavam as famílias daquele espaço e assim impediam que as mesmas tivessem a chance de conquistar um espaço mais aprazível. Nesse sentido, compreendemos que o espaço destinado a esses moradores era a morte. Os tratores que destruíram a favela representam a morte que acompanha o dia a dia dos excluídos. O buracão, o desmoronamento, as chuvas são elementos que se materializam na expulsão desses marginalizados e na sustentação dessa pobreza na nova moradia.

Já no Conto, o que acontece é a apropriação do corpo negro pelos brancos devido ao exotismo presente nas relações entre centro e periferia. Kimbá, distancia-se do morro e aproxima-se do centro. O personagem se envolve com Beth, prima de seu amigo Gustavo, que o batizara, e mais tarde esse relacionamento se transforma em um triângulo: Kimbá, Beth e o amigo.

> Os dois, ele e o amigo tinha ido à casa de Beth [...] o amigo começou a beijá-la e acariciá-la. Aos poucos foi tirando a roupa também. Ficaram os dois naquela louca brincadeira [...] Kimbá estava louco também. Tinha vergonha e desejos por todo o corpo [...] o amigo veio caminhando lentamente em sua direção. Abriu a camisa e a calça dele beijando-lhe avidamente o membro ereto. Kimbá se assustou. Depois o amigo pegou-lhe pelo braço e o empurrou em direção da mulher. Beth abraçou-lhe buscando o seu corpo com firmeza [...] Kimbá esqueceu o outro, esqueceu de si próprio e se lançou dentro dela. Quando se percebeu novamente, estavam os três deitados no chão. (EVARISTO, 2015, p.90).

No artigo: *territórios cruzados* (2010), Edimilson de Almeida Pereira mostra essa abordagem sobre o corpo negro. Segundo o autor esse é um espaço de "diferentes e

conflitantes representações. Pois, as elites desqualificaram-no como forma humana, privando-o de sua história e de sua cultura". (PEREIRA, 2010, p.332) sob essa ótica o corpo negro foi "transformado em alvo de espoliação através do trabalho e da agressão sexual". (PEREIRA, 2010, p.332). Na citação referida não é possível pensar no corpo negro sendo violentando sexualmente, pois o personagem Kimbá possuía com os demais personagens da cidade, uma relação de amizade. O que entendemos é que esse corpo negro foi tomado como um elemento exótico, Kimbá, por sua vez, como homem heterossexual, demonstra um estranhamento na relação física que se estabelece. Esse trecho deixa claro a dicotomia trabalhada por Octávio de Souza (1994)

> O espectro semântico da palavra "exótico" abrange desde o sentido denotativo de estrangeiro ou não nativo, até o sentido conotativo oriundo de sentimentos estéticos, sentido que expressa o charme ou a fascinação do que não é familiar, o estranhamente belo ou excitante. Detendo-nos no sentido conotativo da palavra, observamos que considerar belo ou excitante o estranho já é, em si, um modo de aproximação [daquilo que é] puramente estranho. (Souza, 1994, p.127).

Sobre esse olhar, Gislene Aparecida dos Santos (2002) em seu artigo: *Selvagens, Exóticos, Demoníacos. Idéias e Imagens sobre uma Gente de Cor Preta*, explicita esse corpo negro como a simbolização do estranhamento e, por isso, serviria como a construção do exótico.

Kimbá sai desse encontro e sobe o morro, pois no outro dia teria que ir para o supermercado trabalhar. Porém, "Estava cansado do dia a dia no supermercado e da noite a noite com Beth e o amigo. Não aguentava mais". (EVARISTO, 2015, p.92). Kimbá se vê em meio a um conflito: está apaixonado por Beth, só que "Ela era de um mundo que diziam não ser o dele" (EVARISTO, 2015, p.93). Essa distância social entre os personagens, transforma-se em um conflito no enredo.

> Beth estava apaixonada por ele. Ele estava apaixonado por Beth. O amigo estava apaixonado por ele. Estavam tentando viver. Beth tinha dinheiro. O amigo, dinheiro e fama. Kimbá, a noite e o dia. A decisão seria, portanto, de Kimbá, que não tinha nada a perder. Só a vida. Era só ele querer. Já que não estava dando pra viver, por que não procurar a morte? (EVARISTO, 2015, p.94).

Historicamente o corpo negro foi marcado, com cortes e escritas, a fim de demarcar uma ordem social, na qual esse espaço foi usado, violentamente, como mecanismo de atuação. Porém, mesmo com essas marcas,

> O corpo negro foi reconfigurado física e ideologicamente como um território no qual homens e mulheres, negros e não negros, se reencontram para reescrever os modos como são organizadas algumas das relações sociais no Brasil. (PEREIRA, 2010, p.332).

Ou seja, em *Os amores de Kimbá* esse corpo é visto como propriedade, como objeto de prazer e nesse sentido acabou perdendo sua essência, sua identidade e seu fim foi a morte.

Considerações Finais

O presente artigo nos permite entender que tanto no caráter coletivo quanto no individual da vida dos negros das periferias, há um traço em comum: a violência que resulta em morte. Nas obras abordadas tais pressupostos se confirmam ao percebermos que os moradores da favela de *Becos da Memória*, de forma coletiva, têm suas vidas interrompidas pelo desfavelamento; esse, causa dor, perdas, desterritorialização e até a morte. Já no conto, *Os amores de Kimbá* em Olhos D'água, de forma individual, o personagem Kimbá perde sua vida por não ter um espaço; nem na favela, nem na cidade. Kimbá transita durante a trama por esses espaços e pouco a pouco se afasta de suas origens, porém não se identifica com a vida no centro. Esse conflito aumenta quando ele se envolve com seus amigos e esses passam a usar seu corpo com um espaço de prazer e propriedade. O final do personagem é marcado por sua morte fora da favela. Ele decide morrer, por não aceitar a vida que levava antes. Dessa forma compreendemos que cada uma das obras, trata de forma peculiar, as questões que envolvem os espaços determinados para o povo negro. As favelas surgem como lembranças das senzalas, espaços de dor, de fome, de miséria, de morte; e o centro urbano como representação da casa grande, que suga aquilo que o escravo podia oferecer e depois o condena a morte.

Referências

AUGUSTONI, Prisca. SIMÕES, Bárbara. **Mapas de uma travessia**: Diáspora africana e identidades em construção. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida e JÚNIOR, Robert Daibert., (Org). **Depois, o Atlântico**: Modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana. Juiz de Fora: UFJF, 2010. p.39-61.

CALDEIRA, T.P.R. **A política dos outros.** O quotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense. 1984.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo horizonte: Mazza Edições, 2006.

_____. **Os amores de Kimbá**. In: Olhos D'água. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 3ª ed. Tradução Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães – Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira**". In: LUZ, Madel, T., org. O lugar da mulher; estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro, Graal, 1982. p.97.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Territórios cruzados**: relações entre cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida e JÚNIOR, Robert Daibert., org. **Depois, o Atlântico**: Modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana. Juiz de Fora, UFJF, 2010. 332-334.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais, 78, outubro 2007: p.3-46.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Selvagens, exóticos, demoníacos**. Idéias e imagens sobre uma gente de cor preta. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº 2, 2002, pp. 275-289.

SOUZA, Octávio de. **Fantasia de Brasil**. São Paulo, Escuta, 1994.